

In 1592, when he was fifteen,
Jacques de Coutre boarded in Lisbon
an armada bound to India. He lived in the

Orient for around thirty years, first as a soldier, and then as horse trader and jewel cutter. After settling in Goa, the Flemish man travelled to such diverse destinations as Malacca, Pahang, Patane, Johore, Siam, Manila, Cochim, Ormuz, Bijapur, Agra and Golconda. In 1623, he was deported from Goa to Lisbon under an accusation of spying for the Dutch. Seeking assistance from the king and the noblemen of Spain, he prepared in the following years an autobiographical account with the title *Vida de Iaques de Coutre*, natural de la Ciudad de Brugas, Condado de Flandres. The original manuscript, written in Portuguese, was translated into Spanish by his son *Estevão de Coutre*. This Spanish version is kept at the *Biblioteca Nacional de Madrid*, and remained unpublished until the late 20th century, when a Flemish and a Spanish edition were released. According to the account, Jacques de Coutre made a trip from Malacca to the Philippines in 1597. After living in Manila for two and a half years, he returned to Malacca on board a ship belonging to the captain of that Portuguese settlement, *Fernão de*

Albuquerque. Unable to find a vessel in Malacca to take him to Goa, he decided to head for Patane. There, he met the small armada of Dutchman *Jacob van Neck*, who had returned from Macao waters following a violent ousting by the Portuguese in 1601. A few days after arriving at the eastern Malaysian port, Jacques de Coutre witnessed the arrival of *Jacob van Heemskerck's* armada. In early July 1602, the Dutch admiral had captured a Portuguese galleon off Java, and set sail to Patane to negotiate and await the ideal opportunity to arrest the Portuguese ships coming from China and Japan. From Jacques de Coutre's account of his contacts in Patane, it is clear that he moved equally at ease amongst the Portuguese, the Dutch, and the Malaysian. Despite confessing that he informed the Portuguese about the plans of the Dutch, his freedom of movement reinforces the suspicion that he may have been a double agent of sorts.

Source: *Vida de Iaques de Coutre* [Ms. 1640, *Biblioteca Nacional de Madrid*]. There is a recent Spanish edition, used in a comparison against the manuscript: *Jacques de Coutre, Andanzas asiáticas*, ed. Eddy Stols, Benjamin N. Teensma & Johan Verberckmoes [Madrid: *Historia* 16, 1991, pp. 143-160]. The text was translated from the Spanish by Ana Luisa Balmori & Rui Manuel Loureiro.

Vista de Manila incluída no relato de Joris van Spielbergen, *Speculum orientalis occidentalisque Indiae navigationum*, 1619.



ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

CAPÍTULO 16

DO QUE ME SUCEDEU EM MANILA, E DO SUCESSO QUE TEVE COM OS HOLANDESES O DOUTOR ANTÓNIO DE MORGA, E DO [SUCESSO] QUE EU TIVE NA VIAGEM DE VOLTA DE MANILA PARA MALACA

Assim que cheguei à cidade de Manila¹, favoreceu-me Nosso Senhor com mão larga, de modo que em breves dias tive muitos *ducados* e vim a ser muito bem quisto do governador, o qual sempre que se oferecia algo do serviço de el-Rei me ocupava e fazia muita questão de mim, e todos os fidalgos e cidadãos não faziam menos que ele. E assim procurei ficar de assento naquela cidade, pela forma como as coisas me corriam, e por ser a terra muito acomodada e barata.

No que toca à cidade, está tão bem murada e arruada como a melhor da Europa, com lindos edifícios e palácios. Tem nos arrabaldes uma povoação de chins gentios. As suas casas são de madeira, cobertas de telha, e ali habitam mais de quarenta mil chins. São todos mercadores e oficiais de todos os ofícios mecânicos, gente muito engenhosa e trabalhadora, como em geral são todos os chins. Mas é gente traiçoeira. Os espanhóis não confiam neles, porque, levando-os o governador Gómez Pérez Dasmariñas por chusma da sua galé quando foi a Maluco, levantaram-se na viagem e mataram-no a ele e aos outros espanhóis que iam a bordo. E também, estando eu na dita cidade, os [chins] dos arrabaldes levantaram-se contra os espanhóis. Nesta ocasião mataram também o filho do governador Gómez Pérez Dasmariñas, o qual se chamava Dom Luis Pérez. Mas os espanhóis, acompanhados pelos índios naturais da terra fiéis, deram neles e mataram mais de doze mil chins, e cativaram alguns seis mil. Por este motivo, nenhum chim vive dentro da cidade, apesar deles a fornecem de tudo quanto há mister. Os índios naturais [da terra] são luções; são de quatro nações distintas; todos são cristãos e bem doutrinados. Têm minas de ouro, mas são preguiçosos e mais amigos de levar boa vida do que de trabalhar. Não querem tirar das minas mais do que aquilo que necessitam para pagarem os seus tributos. E têm muita prata que vem de Nova Espanha, pois todos os anos vêm a Manila três e quatro naus do porto de Acapulco carregadas de prata e de muitas [outras] fazendas. E de Malaca e [de] outros portos vêm muitos outros baixéis, razão porque existe naquela cidade grande trato e maior confusão de mercadores. Os índios são muito belicosos: apoiados

por espanhóis lutam muito bem e assim o têm provado em todas as ocasiões.

Para além de estar a cidade muito bem murada, tem muito boa guarnição de soldados espanhóis, gente muito luzida, e sempre tiveram e têm especial coragem para se defenderem dos inimigos, tanto dos da Europa como dos [das partes] do sul. Enquanto eu lá estava, sucedeu virem até à barra uma nau e um patacho de holandeses. Estiveram durante uns vinte dias impedindo a entrada aos baixéis. Entretanto, o governador Dom Francisco Telles fez preparar uma nau, uma galeaça e um patacho, nos quais iam embarcados quinhentos espanhóis, sobretudo fidalgos e gente principal, e por capitão-mor o doutor Antonio de Morga, o qual sabia mais de letras que de armas; e por almirante seguia na galeaça o capitão Alcega, biscainho².

Os inimigos, assim que os viram sair, prepararam-se para lutar, esperando à trinca, com as velas tomadas. Chegando os nossos, começaram a utilizar os canhões até descaírem para trás da ilha da Fortuna, onde o nosso capitão-mor abordou a capitânia dos holandeses. Depois de terem estado cinco horas abordados chegou a galeaça, que atirou quatro tiros de canhão aos inimigos, os quais gritaram debaixo da cobertura “Boa guerra, boa guerra”. Nisso, os espanhóis que estavam em cima cessaram com a mosquetaria e disseram ao capitão Alcega que se fosse com Deus, porque a nau estava por el-Rei [de Espanha]. Com esta resposta, voltou o capitão Alcega sobre o patacho almirante dos holandeses, que ia fugindo. Alcançou-o e abordou-o com muito trabalho. Vendo o general dos holandeses que o capitão Alcega, nosso almirante, se ia embora, começou de novo a disparar com os canhões, assim abordado como estava, de sorte que se ia abrindo a nau do capitão-mor doutor Antonio de Morga; o qual, como não era homem de guerra, assim que viu a sua nau fazer água, mandou cortar os cabos com que estavam abordados. E logo que os cortaram, [o navio] foi-se ao fundo e afogaram-se todos; apenas o doutor Antonio de Morga e seis homens escaparam num colchão de isca³, que não deixa entrar água. Foi muito sentida a perda, por ali terem morrido os principais [homens] de Manila. O general holandês, assim que se viu desatracado e o nosso general no fundo, ajudou ainda a matar os que nadavam; depois, alçaram as velas e foram-se. O capitão Alcega tomou o patacho e trouxe-o com dezoito holandeses, a treze dos quais deram o garrote; doze destes converteram-se à fé e morreram

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

muito católicos; apenas o almirante, que se chamava Lamberto Biesman, morreu herege. Eu achei-me presente e servi de intérprete. Aos outros cinco, por serem crianças, deram-lhes a vida. Os corpos dos que morreram católicos foram sepultados com muitas honras, acompanhados por todas as religiões e pelos fidalgos, que a ombros os levaram até à praça de armas, onde foram sepultados na ermida de Santa Potenciana por trás do altar.

Eu, depois de ter residido naquela cidade dois anos e meio, voltei para Malaca, embarcado numa naveta do capitão Fernão de Albuquerque, que na altura governava a cidade de Malaca, com a intenção de voltar à cidade de Goa, para me casar. Saímos do porto de Manila e com belo tempo chegámos a ilha de Bornéu, onde nos abastecemos do que nos faltava, voltando a largar. Ao terceiro dia cobriu-se-nos a naveta de grande número de pássaros, daqueles a que os marinheiros chamam alcatrazes e tinhasas. Pareciam pássaros idiotas; chegávamos a apanhá-los com as mãos, tão domésticos eles eram. Foram aparecendo tantos, que nem à paulada os conseguíamos despejar borda fora. E vimos uns baixios que tinham de comprimento mais de cinco léguas. Fomos navegando ao longo deles toda aquela noite, avistando de bordo uma infinidade de peixes muito grandes de cor violeta. Depois de termos passado os baixios, às doze [horas] da mesma noite, apanhámos uma grande tormenta, daquelas a que os naturais chamam tufão. De sorte que o mar nos cobriu desde a popa até à proa, levando-nos todas as cevadeiras e paveses que estavam no convés, o qual se encheu de água e íamo-nos afundando, por estarem os embornais tapados com as cascas das muitas frutas que tínhamos comido na viagem. Então acudimos todos com caldeirões e deitámos a água para fora, e com paus e espetos abrimos os embornais. E com a tempestade íamos correndo em popa, todos chorando, pedindo a Deus com crucifixos nas mãos que nos apontasse alguma terra para encalharmos nela e salvarmos as vidas, fazendo grandes votos – que depois mal se cumpriram – de, chegando a Malaca, levarmos o traquete às costas, descalços, em procissão a Nossa Senhora, se nos livrasse daquela tempestade.

Ao fim de quatro dias a tormenta amainou e avistámos terra. Depois de vermos que nos encontrávamos na contracosta da mesma ilha de Bornéu, chegámos até perto de umas cinco léguas dela e vimos vir com as correntes do rio de Lavia muitos

troncos de nespereiras. Acorámos mais perto. À nossa vista andava uma canoa de naturais; não quiseram chegar a bordo, apenas de longe nos disseram que estávamos no rio de Lavia. Ao outro dia saímos dele e fomos até umas ilhas que eram infinitas. Apenas duas delas eram povoadas por gente bárbara. Pela carta de marear soubemos que eram as ilhas de Linga. Aqueles bárbaros falavam a língua malaia. Eu e outros companheiros fomos a terra. Eles, assim que nos sentiram, fugiram em direcção aos montes. Encontrámos umas choças de palha e nelas muitas túberas da terra e palmitos das palmeiras. Andámos um mês perdidos por entre aquelas ilhas, porque não sabíamos o caminho, e chegámos a ter falta de mantimentos. Andávamos sempre com o batel para ver se conseguíamos apanhar algum daqueles pescadores para que nos mostrasse o caminho. Avistámos muitos que andavam a pescar nuns barquinhos, um homem em cada barquinho. Remavam com tanta velocidade que nunca os conseguíamos alcançar, nem mesmo detê-los a tiros de espingarda. Fizemos varar muitos deles em terra. Os barquinhos eram tão ligeiros que eles pegavam neles às costas e fugiam pelos bosques. Apesar de tudo, apanhámos alguns barquinhos que abandonavam.

Ao cabo de uns dias voltámos com o batel a uma das ilhas em busca de água, marisco e frutas, para nos mantermos. Assim que chegámos a uma ribeira vimos baixar por ela uns pescadores. Emboscámo-nos com as nossas armas, deixando só no batel os escravos que sabiam a língua e se pareciam com eles, como intento de capturar um dos saletes, que assim se chamavam os pescadores. Os escravos chamaram-nos na língua deles, mostrando-lhes uns tecidos com muitas cores com os quais eles se vestem. Um salete vesgo de um olho veio-se aproximando do batel. Os escravos disseram que queriam peixes a troco de tecidos. Ele tomou uma ponta de uma peça de tecido na mão e foi tirando peixes para dar [em troca]. Nisto meteram-se os escravos pela água dentro, como se fossem ver os peixes que [o outro] trazia. Aproximando-se o outro descuidadamente, um escravo abraçou-se a ele. Saltámos então para a água, apanhámos o pescador e o seu barquinho com os peixes, tudo metendo dentro do batel, mas mantendo-o sempre bem agarrado para que não saltasse ao mar. Voltámos ao navio muito contentes, pusemos-lhe umas grilhetas nos pés e oferecemos-lhe dinheiro e tecidos para que apenas nos ensinasse o caminho e nos tirasse daquelas

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

ilhas. Prometemos dar-lhe mais dinheiro e tecidos e libertá-lo com o seu barquinho mal estivéssemos fora delas. Ao fim de três dias tirou-nos dali para fora delas e pôs-nos em caminho conhecido. Depois demos-lhe o prometido e pusemo-lo no mar com o seu barquinho, em frente a Johore. Apesar do barquinho fazer muita água, porque estava aberto pelo sol, por ser tão delgado que um homem o podia levantar com uma mão, era um espanto vê-lo tão contente e ligeiro que com um pé deitava a água fora e com o outro pé governava o barquinho, e com as mãos remava com um remo de duas pás. Depois chegámos em breves dias a Malaca.

CAPÍTULO 17

DA VIAGEM QUE FIZ AO REINO DE PATANE E DO QUE ME SUCEDEU NELE ATÉ DEITAREM OS HOLANDESES UM JUNCO MEU CARREGADO AO FUNDO, EM QUE PERDI TODA A FAZENDA QUE TINHA, NO ANO DE 1602

Por falta de baixéis não pude levar a cabo o intento de ir casar à cidade de Goa. Quando cheguei ao porto [de Malaca], havia uns [baixéis] que estavam à espera da frota da China. Esperaram tanto que perderam a sua viagem, e naquele ano não chegou a frota, pelo que adiaram as suas viagens para o outro [ano]. Quando verifiquei isto, vendi todo o cravo – o de comer, entenda-se, que eram alguns oitenta e dois quintais de peso de Maluco – e outras mercadorias que tinha trazido de Manila. Importou tudo em nove mil ducados. Voltei a empregar o dinheiro em panos de cor destinados ao reino de Patane. Depois de feita a compra, embarquei num junco de mouros que ia para a cidade de Patane. Mesmo que o quisesse fazer de propósito, não poderia ter escolhido viagem menos apropriada às minhas desgraças, com mais riscos e trabalhos. No mesmo junco iam embarcados um sobrinho do bispo de Malaca e outro português que se chamava Domingos Gonçalves, natural de Malaca, assim como alguns cristãos naturais da terra. Saímos do porto e daí a uns quantos dias chegámos ao Estreito de Singapura. Ali encontrámos as naus que tinham saído de Malaca antes de nós, rumo à China, as quais esperavam pela corrente de água para passarem. Nós surgimos perto delas na embocadura do Estreito Velho. Entretanto, passou uma galeota que vinha de Patane, e nela um clérigo que era o dono e que se chamava Pêro Vaz. Ele e outro companheiro seu avisaram-nos de que estavam em Patane quatro naus holandesas⁴. Também avisaram as naus da China, para

que fossem com cuidado. E mais nos disse[ram] que os holandeses, a eles, os tinham deixado passar em paz e que não faziam mal a ninguém. Com estas novas chegamos à barra de Pam [Pahang]. Seis cristãos naturais de Malaca desembarcaram e ficaram em terra, com medo, enquanto nós seguimos viagem.

Chegámos a Patane e vimos que no porto estavam ancoradas quatro naus de holandeses. Entrámos pelo meio deles; apenas nos perguntaram de onde vínhamos. Respondi-lhes: “De Malaca”. Acorámos perto de terra. Eu e Júlio de Barros, que assim se chamava o sobrinho do bispo, desembarcámos [e] tomámos casa. Logo nos vieram ver um português que era casado em Malaca, chamado António de Saldanha, e dois cristãos naturais de Malaca. Eu e Júlio de Barros fomos então entregar à rainha uma carta que lhe enviava o capitão de Malaca e um presente de quatro peças de cassa e beatilhas. Durante esta embaixada ela falou connosco por detrás de uma esteira da China, não muito perto, mas vimo-la bem, assim como a uma sua irmã. Folgou muito com a carta na qual o capitão lhe pedia que enviasse a Malaca muitos juncos com arroz e mantimentos e que estreitassem amizade como antes. Ela logo despachou e mandou que fossem juncos da sua terra com mantimentos a Malaca e mandou oferecer-nos quatro vacas, muitas galinhas, arroz e frutas. Eu também tinha ordens do capitão e do feitor de Malaca para, da parte de Sua Majestade, falar a outros rajás, que são senhores vassallos da rainha, e a mercadores, a fim de que enviassem mantimentos à dita cidade de Malaca.

Soubemos como o general das quatro naus de holandeses que ali estavam não trazia ordens para lutar contra os portugueses, muito embora tivesse atacado em Maluco a fortaleza de Tidore, que era dos portugueses⁵. Combateu para ver se conseguia recuperar um patacho que um português chamado João Pinto de Moraes lhe tinha tomado com enganos e trapaças, o qual estava debaixo dos muros [da fortaleza] de Tidore. Não o podendo recuperar, depois de um balázio lhe ter levado a mão direita e depois de ter perdido muita gente, bateu em retirada e rumou à China, para demandar um porto da China chamado Pinhal. Chegando ao porto de Macau, como não conhecia a terra, julgando tratar-se do Pinhal, enviou a lancha em [missão de] reconhecimento, com o seu fiscal, que se chamava Marten Ape. Chegaram a terra. Ao dobrarem uma ponta dela, deram com muitos portugueses em

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

armas na praia. Quando reconheceram que a terra não era sua, quiseram voltar às suas naus, mas os portugueses chamaram-nos com uma bandeira branca. Como eles viram sinal de paz, chegaram-se a terra e desembarcaram todos com muita confiança. Os portugueses prenderam-nos e enforcaram-nos a todos, dando a vida apenas ao fiscal⁶. Por este caso estava Jacob van Neck, que assim se chamava o general, muito escandalizado, por os portugueses terem feito aquilo debaixo da bandeira da paz.

Apesar de tudo isto, como o general era homem bem intencionado, não fazia agravo aos portugueses, podendo-o fazer se quisesse, e veio àquele porto de Patane para carregar pimenta, apesar de em Patane não haver pimenta. Iam buscá-la a Andregiri [Indragiri] e a Jambi, e ali a traziam [a Patane] para a carregarem nas naus holandesas. Eu e Júlio de Barros e outros portugueses fomos falar com o general. Eu tentei desculpar os portugueses, dizendo que o vice-rei da Índia estava muito sentido por os de Macau terem enforcado aquela gente debaixo da bandeira da paz e que tinha mandado trazer preso com grilhetas o ouvidor da cidade de Macau, para lhe cortar a cabeça. Tudo isto inventámos para abrandar a disposição do general. O qual respondeu dizendo: “Se algum dos trinta que iam na lancha merecia ser enforcado era o fiscal, porque os outros pobres que iam com ele embarcaram-se nas suas naus sem saberem para onde iam”. Apesar de tudo isto, o general sempre nos agasalhou muito bem quando fomos às suas naus comprar panos de grã e de outras cores, os quais trazia em grande quantidade. Uma vez convidou-nos a comer, a mim e ao Júlio de Barros e a outros portugueses. Ofereceu-nos um banquete grandioso, sempre ao som de trombetas e de clarins, acompanhado por todos os oficiais da sua armada. Depois mostrou-nos como a sua nau estava guarnecida. Tinha trinta e seis peças de artilharia de bronze e catorze pedreiros, todas em duas ordens, e trezentos homens. Disse que tinha trazido da sua terra quatrocentos [homens]. Por fim despediu-nos com grande salva de artilharia.

Eu tratei de voltar a Malaca. Para tal vendi tudo o que levava e comprei um junco de António de Saldanha. Fi-lo carregar todo à minha custa de arroz, com chumbo por lastro. Ao cabo de oito dias entrou [em Patane] outro general [holandês], o qual se chamava Jacob van Heemskerck, com duas naus e um patacho. Uma das naus tinha sido tomada pelo general no porto

de Arisbaya [Surabaya] carregada de sândalo – que é um pau cheiroso –, com seis portugueses e muitos marinheiros. Van Heemskerck soube por Jacob van Neck como os portugueses tinham enforcado em Macau aqueles trinta holandeses⁷. Ficou muito sentido e quis vingar-se enforcando os seis [portugueses] que trazia presos. Estando com estas ideias, veio um mestre seu avisar-me. Eu e Júlio de Barros fomos falar com Jacob van Neck e suplicámos-lhe com muita insistência que tivesse piedade daqueles pobres portugueses e pedisse ao general Van Heemskerck que não os enforcasse, porque os desgraçados nenhuma culpa tinham do sucesso de Macau. E disse-lhe que eram pobres, uns casados na China, outros em Malaca, e que tinham filhos; para que queriam as suas vidas, quando já tinham tido a infelicidade de perderem a liberdade e as fazendas. Disse-lhe muitas outras coisas lastimosas, suplicando também que os fizesse soltar.

Jacob van Neck foi então falar com Van Heemskerck sobre eles e não quis consentir que os enforcassem. Por fim concederam-lhes as vidas; não quiseram soltar os seis portugueses, mas apenas os cristãos de Malaca que eram marinheiros. Quando Jacob van Neck fez esta boa obra, tinha as suas naus carregadas de pimenta; partiu-se daí a três dias. Van Heemskerck ficou com as suas naus e um patacho. Eu pedi-lhe muitas vezes que soltasse os seis portugueses; jamais o quis fazer, pensando trocá-los em Malaca por alguns prisioneiros seus. Disse aos portugueses que escrevessem para Malaca sobre esta possibilidade e deu-me licença para ir às suas naus falar com os presos. Mas jamais quis lá ir, porque não me fiava dele, por me ter perguntado muitas vezes se não queria embarcar com ele.

Foi-se aproximando o tempo da minha partida, porque já tinha o meu junco carregado e estava ancorado fora, perto das naus do general, para daí partir de madrugada. Faltava-me ainda carregar certa quantidade de arroz, pelo que fui procurá-lo a um junco de malaios que tinha vindo do reino de Sião. Quando estava a comprar o arroz, vieram também a bordo holandeses em duas lanchas, a buscar arroz que tinham comprado para eles. Nas lanchas vinham três comizes⁸, que é o mesmo que feitores. Perguntaram-me se queria ir às suas naus falar com os presos. Respondi-lhes que sim, fazendo de ladrão honesto. Entrei na lancha deles. Quando chegámos à nau almirante, perguntou o mestre aos comizes: “Como é que este homem vem até cá?” Responderam-lhe: “Com licença do general”. Era

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

mentira, pois a licença tinham-ma dado há mais de um mês. Entrei na nau, onde me fizeram grandes recebimentos. Fiz trazer acima [ao convés] os três portugueses que lá estavam presos; subiram atados uns aos outros com algemas de ferro nas mãos. Perguntei ao mestre por que os tratavam daquela maneira. Respondeu-me: “Dois deles quiseram fugir, o outro revelou a tentativa; e para que não se riam dos holandeses temo-los daquela maneira”. Pedi-lhe que mandasse soltar-lhes as mãos; fê-lo de imediato. Por esta boa obra ficaram os presos muito agradecidos. Despedi-me deles e fui para a capitânia, acompanhado pelo mestre e pelos comizes, para falar aos outros três portugueses, os quais estavam presos do mesmo modo. Também fiz com que lhes tirassem os ferros e os trouxessem à câmara da nau. Convidaram-nos para comer. Sentámo-nos todos à mesa, os presos, eu, o mestre, os comizes, e outros oficiais da nau. Nesta ocasião o general e o almirante estavam em terra. Ao meu lado estava sentado um dos presos, o qual estando a comer me meteu na mão um bilhete por baixo da mesa. Para que não me sentissem, tirei o lenço distraidamente, como quem quer limpar a boca; envolvi o bilhete e meti-o na fraldiqueira. O que me deu o bilhete chamava-se Filipe Lobo.

Quando acabei de comer, despedi-me deles e dos portugueses e voltei a terra na mesma lancha. Assim que cheguei à praia topei com o general e com o almirante sentados perto de uma casa de madeira que o general tinha mandado fazer junto ao mar, ao modo da Flandres, rodeada de água e com ponte levadiça, para servir de feitoria. Perguntaram-me de onde vinha; respondi-lhes que das suas naus. Quando ouviram tal, mudaram de cor e zangaram-se, porque tinha ido a elas

sem os avisar, [não lhes permitindo] fazer-me melhores agasalhos. Mas tudo era fingido; desejavam apanhar-me nas suas naus para me manterem preso, como tinham os seis portugueses. Despedi-me deles, agradecendo com palavras a intenção. Fui para casa. Encontrando o meu camarada Júlio de Barros, disse-lhe: “Vejamos um papel que me deram os presos”. E contei-lhe o que me tinha acontecido. O papel dizia: “Recebemos a esmola que Vossas Mercês nos enviaram; seja por amor de Deus. Avisamos Vossas Mercês que os holandeses e o patacho desta esquadra estão prontos para apanharem Vossas Mercês com o vosso junco, assim que saírem do porto, e a nenhum darão vida. Etc.” Com este aviso fui para o junco e voltei trazê-lo para onde costumava estar, mais perto de terra. Os cristãos que o general tinha libertado iam embarcados no meu junco; quando souberam o motivo por que eu voltava a meter [o junco] outra vez para dentro, naquela noite desembarcaram todos, deixando-me sozinho com os meus escravos. Eu, vendo que sozinho não o poderia defender se naquela noite sucedesse alguma coisa, também fui dormir a terra. Deixei o junco assim carregado apenas com quatro escravos de guarda. Ao anoitecer vieram os holandeses e fizeram-lhe rombos na proa e na popa. O junco foi-se enchendo de água. Quando os escravos acordaram eram já doze da noite, e [o junco] já estava quase no fundo. Um deles veio avisar-me, pelo que fui ver se poderia remediar as coisas. Quando cheguei [o junco] estava todo cheio de água e assente no fundo com a maré baixa. Fiquei a olhar para ele muito zangado, sem poder aproveitar coisa alguma. A maré foi crescendo, de sorte que o junco se virou. Voltei então a perder tudo quanto tinha e conseguira granjear em Manila. **RC**

NOTAS

- 1 Durante o período da União Ibérica, 1580-1640, as ligações marítimas entre Malaca e Manila assumiram alguma regularidade.
- 2 Em diversas marinhas europeias dos séculos XVI e XVII, o comando supremo de uma armada estava a cargo do ‘general’, a bordo da nau ‘capitânia’, enquanto o segundo posto era entregue ao ‘almirante’, a bordo da ‘almiranta’.
- 3 Ms: *yescá*, palavra espanhola que designa ‘isca’ ou ‘o que está muito seco e pode facilmente inflamar-se’. Talvez se tratasse de uma espécie de fungo seco, que cresce em diversas árvores, e que era na época utilizado para acender o fogo.
- 4 Referência à armada de Jacob van Neck, que em 1601 atacara a fortaleza portuguesa de Tidore, passando depois por Macau, donde fora rechaçada.

- 5 Os portugueses tinham-se estabelecido em Tidore por volta de 1570, depois de terem sido expulsos de Ternate, onde possuíam fortaleza desde 1521.
- 6 Dos 20 holandeses desembarcados em Macau, 17 foram executados pelos portugueses.
- 7 Van Heemskerck terá sabido da execução dos tripulantes da armada de Van Neck em Macau pela leitura de uma carta dirigida ao vice-rei da Índia que encontrou numa galeota portuguesa que capturara. Nessa oportunidade, ponderara vingar-se, enforcando os portugueses que aprisionara, mas não o terá feito por temer represálias sobre os feitores que acabara de desembarcar no porto de Gresik.
- 8 Plural aportuguesado da palavra neerlandesa *commis*, feitor.